

DOBRAS E DESDOBRAMENTOS DA LEITURA NA EJA

Leidinalva Amorim Santana das Mercês¹

Lúcia Amorim Santana²

A aproximação dos estudantes do conhecimento e do patrimônio cultural, em uma sala de aula, muitas vezes, se dá quando a sua imaginação é desafiada. A provocação pode vir de um texto verbal, não verbal ou misto. Aqui, temos a pretensão de relatar algumas experiências, com o texto literário, vivenciadas por estudantes e professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de escolas públicas de Salvador. O caminho a ser trilhado, toma essas experiências como matéria de reflexão, pois a EJA é uma modalidade de ensino desafiadora, destinada aos excluídos de bens que a escolarização deveria garantir.

As turmas da EJA, com as quais trabalhamos, correspondem tanto às séries do Ensino Fundamental I e II, quanto as que são correlatas ao Ensino Médio. Nessas classes encontramos pessoas de 18 a 70 anos, em estágios diferentes de leitura e escrita; com distintos níveis de conhecimento, com diferentes valores, crenças e visões do mundo. Características comuns os aproximam: todos querem aprender, querem recuperar o tempo perdido, apesar do cansaço da rotina diária de trabalho. A grande maioria é do sexo feminino. São donas de casa, empregadas domésticas, ou do comércio alternativo, auxiliares de serviços gerais, trabalhadores e trabalhadoras da construção civil, vigilantes, motoristas, aposentados ou desempregados. Todos são leitores da “palavramundo”, como nos disse Freire (1989). Com aqueles estudantes, havia muitas histórias submersas e uma profusão interminável de ideias.

Para essa reflexão, nos apropriamos da noção de “experiência educativa”, proposta por Domingo e Ferré (2013): uma forma de olhar para os fenômenos educativos, pois esses carregam consigo suas próprias lições, sua própria aprendizagem, seu próprio saber. A essa noção associamos a literatura. Daí podemos dizer que há sempre dobras e ou desdobramentos do (im)possível. A literatura pode permear as diversas disciplinas do currículo das escolas e pode ajudar a discutir problemas sociais, destacar um recorte do passado, ou até facilitar a compreensão do momento social, em que se está vivendo, dentre outras tantas possibilidades.

A vida seguia seu curso. As questões aflitivas explodindo em todos os instantes, ameaçando solapar quem estivesse no caminho. Naqueles dias, o conflito que instigava e mobilizava a opinião pública era a terceirização, levando muitos a ter medo de perder os seus empregos ou continuarem desempregados. Entretanto, esses não eram os únicos problemas que tiravam o sono daquelas pessoas...

Nas aulas, pretendíamos estimular a expressão oral e desenvolver a lectoescrita. Para tanto, utilizamos textos críticos, humorísticos, satíricos, que instigassem o pensamento. A metodologia foi pautada no dialogismo, na mediação, na exposição argumentativa e na ludicidade. Apresentamos poemas e charges, com temas que mobilizavam a opinião pública. Para dinamizar as aulas, utilizamos textos impressos com e sem ilustrações, cartões com palavras, cartolinas, notícias de jornal e vídeos. A figura, a seguir, de autoria de Bruno Galvão, ilustra uma das charges trabalhadas.

¹ Colégio Estadual Prof. Maria Bernadete Brandão, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: leidinalva@hotmail.com.

² Escola Municipal da Engomadeira, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: luamorims@hotmail.com.



Figura 01: Terceirização. Autor: Bruno Galvão. Disponível em: <<http://www.humorpolitico.com.br/humor-2/terceirizacao-5>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

Apresentamos algumas charges para trabalhar esses temas. Como esperávamos, esta tipologia textual provocou certo estranhamento. Para a maioria dos estudantes, o uso de figuras nas aulas de Língua Portuguesa era incomum. Poucos deram importância para as imagens. As atenções estavam voltadas para as placas e os balões das conversas dos personagens. Muitos acreditavam que o texto se resumia apenas às palavras impressas. As imagens, ali dispostas, aparentemente, não conduziam a nenhuma reflexão. Não obstante, o texto não estava encerrado em si mesmo. Com essa temática, foi possível estudar: o conceito de terceirização, aspectos relacionados à PL-4330 e o que os políticos estavam fazendo sobre o assunto.

Muitos professores se apropriaram do poema “O Bicho”, de Manuel Bandeira para envolver seus alunos em uma discussão sobre as problemáticas sociais. Nós também o fizemos, em ocasiões diferentes, com alunos dos dois segmentos da EJA. Com os estudantes do Tempo de Aprender II, modalidade que abarca da alfabetização até o 2º ano, do atual Ensino Fundamental I, foi realizada uma atividade chamada texto em tirinhas. Entregamos o poema com as palavras dos versos separadas uma a uma para os alunos. Eles leram aquelas palavras desconexas, mas não conseguiam entender nada. Então, passamos a ler o texto em voz alta. Quem tinha a palavra lida, levantava-se e a colava num papel cartaz, previamente fixado ao quadro. Quando a última palavra foi lida, o poema estava completo na grande folha de papel. Deste ponto, passamos a reler o texto, para em seguida discutir o que fora lido.

Bastaram poucas palavras de alguns estudantes para que a turma começasse a desdobrar o texto de Bandeira. Certos alunos afirmaram que pela descrição do início, pensaram que o bicho se tratava de um animal sem dono; outros se mostravam surpresos com a descoberta do personagem como sendo um homem. Houve quem ficasse angustiado ao lembrar que havia dois locais para jogar lixo bem perto da escola e lá ocorria a vivência diária do poema. Uma pessoa afirmou que muita gente tem atitudes de animal e nem é porque está com fome. Muitas situações forçaram pessoas a assumir posições, que desde o começo da história da humanidade era atribuída aos animais, chamados irracionais, sem que as outras tomem uma atitude para resgatá-las. O poema lembrou aos alunos desta realidade amarga, das vidas sofridas no silêncio.

Nas classes da EJA, correlatas ao Ensino Médio, o poema “O Bicho” foi usado numa sequência temática sobre vidas em risco, com o objetivo de elucidar as dúvidas dos educandos com relação às diferenças existentes entre um “texto literário” e um “texto não literário”. Além do poema foram levadas para a classe notícias de jornal, letras de música, fábulas, dentre outros. Parte dos estudantes já havia tido contato com o poema. Um rapaz argumentou que parecia estar diante de uma cena comum, o qual era obrigado a ver perto da rua onde morava. Houve quem ficasse indignado com o autor, por chamar um homem de bicho, todavia, para eles a revelação do homem levado a situação de bicho para satisfazer as necessidades básicas, não foi novidade, pois viviam num mundo onde “[...] os centros de interesses existenciais são atingidos pelas carências múltiplas humanas [...] a partir da mais primitiva de todas: alimentação para a sobrevivência” (ATAÍDE, 2002, p. 210).

A surpresa, para todos naquela noite, foi duas colegas de sala terem confessado que já haviam sido badameiras³, que tiravam seus sustentos das latas de lixo dos supermercados. Esta revelação silenciou a turma. Os olhares diziam mais que quaisquer palavras. Ali havia dó, tristeza, revolta, angústia. “O Bicho” com sua abordagem moderna de um dos aspectos sociais que vem se perpetuando, a fome, conseguiu suscitar um movimento de interação entre a obra escrita, os discentes e as docentes. Foi evidenciada a desconstrução de algumas ideias, antes existentes com relação aos catadores, pessoas visíveis, contudo não vistas por determinados grupos sociais. Naquela noite, os versos de Bandeira adentraram a espaço escolar, “[...] propondo sugestões, erigindo-se em assunto que é impossível evitar, tornando-se estímulos positivos ou negativos [...]” (CANDIDO, 1987, p. 158), pois se constituíram em versos fomentadores de pensamentos.

Há dobras e constantes desdobramentos nas aulas, assim como ocorre na literatura. Às vezes leva-se um texto para a sala com intuito de trabalhar um conteúdo que faculte ao aprendiz um maior domínio dos fatos linguísticos, para que ele seja um usuário eficiente da norma escolhida pela sociedade, mas os textos ganham vida e se reinventam. As discussões se multiplicam. O espaço escolar se torna um divã coletivo, que faz emergir recordações alegres ou tristes; um mercado onde o produto oferecido é o conhecimento. Assim, temos aprendido com nossos alunos, que a melhor escola não é feita apenas de paredes com tijolos, mas a que é construída com o relacionamento entre as pessoas.

Referências

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **Clamor do presente**: história oral de famílias em busca de cidadania. São Paulo: Loyola, 2002.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: _____. **A Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, p. 181-198.

DOMINGO, José Contreras; FERRÉ, Nuria Pérez de Lara. La experiencia y La investigación educativa. In: _____. **Investigar la experiencia educativa**. 2. ed. Madrid: Morata, 2013, p. 21- 85.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

³ Badameira é o termo utilizado para se referir à pessoa que cata ou separa o lixo; catador de lixo.